



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

510 anos da descoberta da Ilha de São Francisco e do Rio da Prata por Juan Dias de Solis. 490 anos do início do 2º Ciclo econômico no Brasil, o do Açúcar. 480 anos da fundação de Santos, por Brás Cubas. 460 anos da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro. 410 anos da expulsão dos franceses do MA pelos luso-brasileiros. 400 anos da chegada a Salvador da esquadra de Dom Fadrique de Toledo Osório (Jornada dos Vassalos) e expulsão dos holandeses. 390 anos da perda do Arraial do Bom Jesus para os holandeses. Prisão de Domingos Fernandes Calabar e execução pelo Conselho de Guerra em Porto Calvo, acusado de alta traição em favor dos holandeses. 380 anos do início da Insurreição Pernambucana contra os holandeses e do Compromisso Imortal. Elevação do Brasil a Principado. 330 anos do início do Ciclo do Ouro. Morte de Zumbi dos Palmares. Destruição do quilombo de Palmares. 310 anos do II Tratado de Utrecht e devolução da Colônia do Sacramento a Portugal. 290 anos da Guerra Luso-Espanhola (até 1737) e da assunção do governo do Rio de Janeiro pelo Brigadeiro José da Silva Pais. 270 anos da criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e criação da Capitania do Rio Negro. 260 anos do início da Derrama em Minas Gerais. 210 anos da elevação do Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves. 200 anos do reconhecimento da independência do Brasil por Portugal. Início da Guerra da Cisplatina. Nascimento de Dom Pedro II. 190 anos do início da Revolução Farroupilha. 180 anos do fim da Guerra dos Farrapos. 160 anos da Tomada de Corumbá pelo Paraguai. Declaração de guerra do Paraguai à Argentina e invasão de Corrientes. Tratado da Tríplice Aliança. Fim da Questão Christie. 150 anos do Regulamento Disciplinar do Exército. 130 anos do fim da Revolta Federalista no RS. 90 anos da Lei de Segurança Nacional e da vitória contra a Intentona Comunista. 80 anos das grandes conquistas da FEB na Itália e fim da 2ª GM. 70 anos da crise institucional de 1955. 60 anos do AI2. 30 anos da UNAVEM.

2025

Fevereiro

Nº 473

O BRASIL, A FEB E A DEUSA ROMANA DA GUERRA - BELONA -

Si vis pacem, para bellum
Flavius Vegetius

Luiz Ernani Caminha Giorgis(*)

Palavras introdutórias

Belona¹ é a deusa romana da guerra (abaixo). Sua origem é etrusca, assim como a própria Roma. Ela é homenageada na capital italiana por meio de um templo localizado no Monte Capitolino.

¹ No latim antigo a Deusa era chamada Duellona e a guerra era denominada "Duelo", origem da palavra duelo.



Belona, em concepção artística. Fonte: freepik.com (acesso em 04 Fev 25)

Há 80 anos, o Brasil teve que atravessar o Oceano Atlântico com a sua Força Expedicionária – a FEB, para lutar nas terras de Belona – a sanguinária.

Ao final, os brasileiros puderam dizer: Veni, Vidi, Vici², tal como (supostamente) Caio Júlio Cesar disse em 47 aC na região de Ponto após a vitória sobre o rei Fárnaces II.

Entretanto, o Brasil não foi para a Itália em 1944 para lutar contra italianos, etruscos, latinos, nem mesmo contra Belona. Aliás, ela é citada por Shakespeare em Macbeth, Ato 1, Cena 2.

Foi sim, para lutar contra um outro exército também estranho naquelas terras geladas dos Montes Apeninos, assim como em toda a península: o Exército Nazista, de Adolf Hitler e seus aliados, inclusive italianos, estes adeptos do ditador Benito Mussolini.

A maioria dos expedicionários brasileiros mal sabia quem era Belona, ou Júlio César e sua famosa frase. Mas foram, e venceram.

Neste ano de 2025, completam-se 80 anos das grandes vitórias da FEB na península italiana. Cada data, cada batalha, cada recontro, cada combate, cada evento, está completando 80 anos. Nada como recordar feitos tão importantes. E não somente isso, lembrar todas as enormes dificuldades enfrentadas pelo governo, pela FEB e por todos os militares que participaram daquele esforço hercúleo².

Este trabalho visa divulgar os antecedentes, o desenvolvimento e as ações posteriores da maior vitória brasileira em solo italiano – a conquista de Monte Castello, que completa oito decênios no dia 21 de fevereiro.

² Vim, Vi e Venci.

Desenvolvimento

A FEB seguiu para a Itália em cinco escalões de transporte, todos destinados ao porto de Nápoles. O primeiro zarpou do porto do Rio de Janeiro em 2 de julho de 1944, tendo chegado em 16 do mesmo mês. O 2º e 3º escalões partiram juntos em 22 de setembro, chegando em 5 de outubro de 1944. O 4º escalão zarpou em 23 de novembro, chegando em 7 de dezembro de 1944. Finalmente, o 5º escalão partiu em 8 de fevereiro de 1945, chegando a 22 do mesmo mês.

O 1º escalão foi transportado pelo navio norte-americano de transporte de pessoal General Mann. A partir dos 2º e 3º escalões, além do primeiro, entrou o segundo navio, o General Meigs.

A FEB entrou em combate no dia 6 de setembro, com uma Companhia de Engenharia sob o comando do Capitão Floriano Möller, a qual instalou e operou uma ponte tipo Bailey sobre um dos afluentes do rio Arno (abaixo).

Em 13 de setembro, o Destacamento FEB³ já operava a substituição de tropas estadunidenses na região de Vecchiano, com a missão de atuar ofensivamente na direção Norte. Foi a primeira missão operacional de guerra do Destacamento (Giorgis, 2020, p. 87).



Três dias depois, a FEB conquista Massarosa, Monte Comunale, San Stefano, Monte di Cima, Borzano, Quiesa e Il Monte sob forte bombardeio da artilharia alemã. Foram as primeiras vitórias brasileiras. A população dessas localidades recebeu os brasileiros como heróis.

A nossa outra força armada – a FAB, embarcou os aviadores do seu 1º Grupo de Aviação de Caça para a Itália em 19 de setembro, os quais chegaram em Livorno no dia 6 de outubro.

Seguiram-se muitas outras vitórias e poucas derrotas.

A FEB esteve sempre subordinada ao IV Corpo de Exército dos EUA, comandado pelo General Willis Dale Crittenberger. Acima dele, o V Exército, comandado pelo Tenente-General Mark Wayne Clark. E acima deste, o XV Grupo de Exércitos, comandado pelo inglês Marechal de Campo Sir Harold Rupert Leofric George Alexander.

Em outubro, ao mesmo tempo em que a FEB atingia o vale do rio Sercchio, informações sobre o inimigo davam conta de que a 232ª Divisão de Infantaria alemã recebeu ordem de se deslocar do Campo de Instrução de Wildflecken (região central da Alemanha) para os Apeninos (Waack, 2015, p. 85).

Nos Apeninos, ela ocupou uma região que engloba os Montes Belvedere e Castello (Idem, p. 116). O Monte Castello tem 877 m de altitude acima do nível do mar, enquanto que Belvedere possui 1.139 m, o que fazia, este, estrategicamente mais importante que o primeiro. Ou seja, a tropa aliada teria que, forçosamente, atacar sempre de baixo para cima.

³ Comandado pelo General Euclides Zenóbio da Costa, foi criado em 11 de setembro subordinado diretamente ao IV Corpo de Exército.

(1ª DIE) da FEB. Este ataque não teve bom resultado⁴ e a tropa recebeu ordem de retrain às 1300 h do mesmo dia.

Na madrugada do dia seguinte, às 0230 h, o Major Silvino Castor da Nóbrega, comandante do III Batalhão, o mesmo que atacou a posição inimiga na véspera, recebeu ordem de retomar o ataque a partir das 0800 h. Sempre enquadrada pela Task Force 45, a tropa brasileira recebeu o reforço do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria e do III Batalhão do 11º RI.

Desta vez, a tropa atacante conseguiu atingir Belvedere e Monte Castello, mas não conseguiu manter esta última posição. Mas Belvedere foi conquistada e mantida pela tropa NA. Foi a segunda tentativa, parcialmente vitoriosa.

Entretanto, três dias depois, em 28/29 de novembro, a tropa NA foi contra-atacada em Belvedere e desalojada de suas posições. O flanco esquerdo da tropa da 1ª DIE ficou descoberto.

E isto teria graves consequências.

Neste mesmo dia 29 de novembro, novo ataque foi realizado a partir das 0800 h. As tropas brasileiras foram o I Batalhão do 1º RI (Major Olívio Gondim Uzeda) e o III Batalhão do 11º RI (Major Cândido Alves da Silva). Em reserva, o III Batalhão do 6º RI (Major Silvino).

Este ataque durou o dia inteiro e não houve nenhuma surpresa para o inimigo. Contou com o apoio de fogo dos I, II e III Grupos de Artilharia. Não houve apoio aéreo. Às 12 h as ações já estavam comprometidas. Ao escurecer, o Escalão de Ataque recebeu ordem de retrain e o ataque foi abortado. Já era a terceira tentativa⁵. As baixas foram de 190.

Novo ataque foi marcado para o dia 12 de dezembro. Desta vez, a tropa atacante era toda brasileira. Ultrapassagem da Linha de Partida às 0630 h. Atacantes: II e III Batalhões do 1º RI. Reserva: I e III Batalhões do 11º RI. Apoio de Fogo de Artilharia: I, II e IV grupos e parte do III. Engenharia: 9º Batalhão de Engenharia. Comunicações: 1ª Companhia de Transmissões. Não houve apoio da FAB. Dois fatores principais foram as causas do insucesso:

1) Conforme o General Mascarenhas de Moraes:

No justo momento da partida do Batalhão Franklin⁶, a artilharia americana desencadeou prematuramente um bombardeio diversório sobre Monte Belvedere, quebrando por completo o sigilo operativo (Giorgis, 2020, p. 122, apud Moraes, 1947, p. 121).

2) Os dois batalhões do Escalão de Ataque atravessaram a Linha de Partida em horários diferentes. Um deles adiantado e o outro, atrasado. Mesmo com o emprego da reserva, não houve progressão.

“O I Batalhão do 11º RI, tomado de pânico, foi obrigado a retrain desordenadamente. Os militares foram processados e pela justiça militar e absolvidos” (Giorgis, 2020, p. 122, apud Waack, 2015, p. 153)⁷.

No dia seguinte, devido às baixíssimas temperaturas, as operações do Plano Encore foram parcialmente suspensas. Entrava em vigor a chamada “Defensiva agressiva” com a estabilização da frente até fevereiro. Ações de menor envergadura foram realizadas, principalmente por meio de patrulhas.

Na página seguinte, imagem de Guanella tendo, ao fundo, Monte Castello.

Fonte: Arquivo do General Tácito Théophilo Gaspar de Oliveira.

⁴ Consultar Giorgis, 2020, p. 115 e 116 – O Dia a Dia da FEB na II GM, acessível em www.acadhistoria.com.br.

⁵ Conforme o Coronel Manoel Thomaz Castello Branco, além da falta de sigilo, o retraimento dos NA causou a falta de cobertura do flanco esquerdo da 1ª DIE (Giorgis, 2020, p. 119, apud Castello Branco, 1960, p. 251/252).

⁶ Major Franklin Rodrigues de Moraes.

⁷ Pronunciaram-se sobre este fatídico ataque o Coronel Manoel Thomaz Castello Branco, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEX), o Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEX) e o CPDOC/FGV, além do próprio General Mascarenhas de Moraes no seu livro A FEB pelo seu Comandante (São Paulo: Progresso Editorial, 1947).



O ataque final e a glória brasileira

No dia 16 de fevereiro foi concluído o “período de estabilização”, assim chamado pela FEB. Ao mesmo tempo foi decidida a continuação do Plano Encore, contendo o ataque a Monte Castello. Conforme Giorgis, 2020, p. 135:

Para a ofensiva conjunta com a 1ª DIE ficou decidida a ação da 10ª Divisão de Montanha/NA sobre Mazzancana. Portanto, a Fase A da manobra do IV Corpo (de Exército) para a conquista do maciço Monte Belvedere-Monte Della Torraccia, contaria com a 10ª DMth para atacar pelo flanco Belvedere-Gorgolesco-Cappella di Ronchidos-Mazzancana e com a 1ª DIE para atacar Monte Castello. Ficou decidida uma ação diversionária da 1ª DIE sobre o Corredor de Abetaia quando a 10ª DMth iniciasse o seu ataque. O General Mascarenhas destinou esta missão ao Btl Ramagem⁸ (II/11º RI). O Gen Mascarenhas se fez acompanhar nesta reunião pelo então Tenente-Coronel de Infantaria e EM Humberto de Alencar Castello Branco, Chefe da Secção de Operações (3ª Sec/EM) da 1ª DIE (Castello Branco, 1965, p. 356).

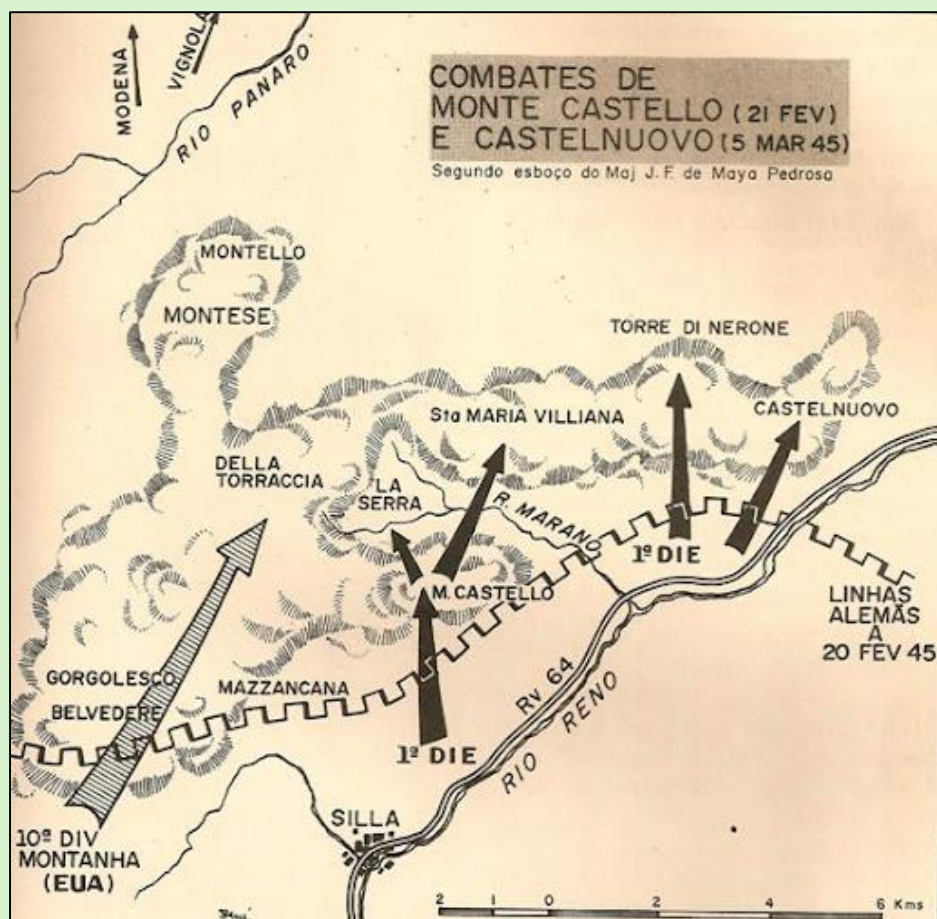
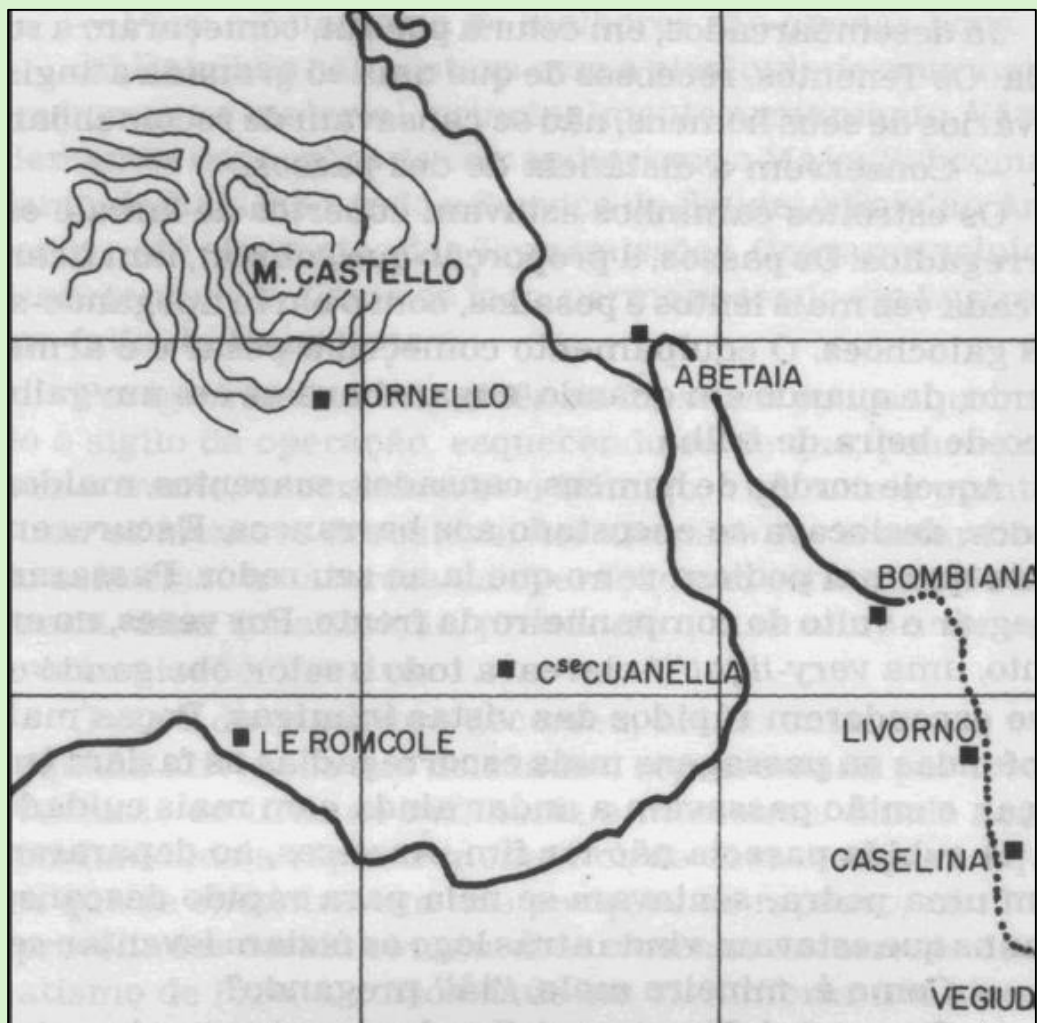
No dia seguinte, a 1ª DIE expediu o seu Plano de Manobra, que previa um ataque coordenado a Monte Castello juntamente com a 10ª DMth. Ataque principal: 1º RI – Regimento Sampaio. Os batalhões começam então a se deslocar para as suas Zonas de Reunião (ZReu), três dias antes do ataque, marcado para 20 de fevereiro.

Em ataque preliminar, o 1º Batalhão do 86º RI Mth, pertencente à 1ª DMth, conquistou Monte Belvedere vencendo o 1044º RI alemão na madrugada do dia 19.

No mesmo dia, em ação diversionária, a partir das 2300 h a 10ª DMth, apoiada pelo II Batalhão do 11º RI, sem preparação de artilharia, conquistou a linha de elevações de Monte Serraccio-Cappel Busio-Pizzo de Campiano obtendo completo êxito.

Na página seguinte, imagens das regiões de Monte Castello e Castelnuovo (Fonte: Giorgis, 2020, p. 139, apud Almeida, 1985, p. 65 e Informativo O Guararapes/AHIMTB/Resende).

⁸ Major Orlando Gomes Ramagem.



Em 20 de fevereiro, as ações foram as seguintes:

Pela manhã, o General Mascarenhas chega a C. Gabelle, a quatro Km de Monte Castello, onde instala o seu PO para o ataque. Às 0530 h: conquista dos Montes Belvedere e Gorgolesco, este às 0600 h, com sérias dificuldades em face dos contra-ataques, pela 10ª DMth NA. O inimigo esgotou as suas reservas nestas ações. Para a conquista de Gorgolesco houve o concurso de Carros de Combate e de Artilharia, inclusive a do General Cordeiro de Farias. Às 1537 h, os NA cerram sobre a linha Cota 1053-Mazzancana-Cappela de Ronchidos. Os aviões da FAB arrasam a resistência alemã em Mazzancana, preparando a ação de ataque ao Monte Castello no dia seguinte. Mazzancana foi conquistada às 1700 h, o que muito facilitou o ataque brasileiro. Ficou aberta a via de acesso a Monte Castello. Às 1000 h começou a ação diversionária do II/11º RI (Btl Ramagem) no chamado Corredor de Abetaia. Às 1530 h começaram as ações previstas na Ordem Geral de Operações nº 20/DIE, ou seja, ultrapassar os americanos em Mazzancana e partir para o objetivo nº 1: Cota 875-Fornace. Entre 1700 e 1800 h o I Btl (Uzeda) e o III Btl (Major Franklin) do 1º RI tomaram o dispositivo de ataque. Às 1730 h o III/1º RI desloca-se para a Zona de Reunião em Gambaiana-Le Roncole-Cá di Berto. À noite, o Coronel Aguiinaldo Caiado de Castro, Comandante do 1º RI, solicita autorização para antecipar o ataque, tendo em vista a informação (falsa) de que os alemães estariam abandonando Monte Castello; não foi autorizado. A Ordem Parcial de Operações nº 33 determina ao 1º RI a substituição da 10ª DMth às 2000 h em Mazzancana. O Complemento nº 4 da OGO nº 20 fixa o ataque para as 0530 h de 21. Os batalhões do 1º escalão de ataque ocupam, de 2330 h de 20 às 0350 h de 21, as regiões de C. Vitelline, Ponto 744, Ponto 779, Ponto 718 e Fornace em preparação para o ataque do dia seguinte. O II/1º RI (Major Syzeno Sarmento) ocupa La Grilla. Morre o padre Antônio Álvares da Silva, Frei Orlando, capelão do 11º RI, em lamentável acidente de tiro protagonizado por um partigiani em Bombiana (Castello Branco, 1965, p. 346). Assume o comando de um Pelotão de Fuzileiros em Guanella, sopé do Monte Castello, o então Aspirante Francisco Mega (Giorgis, 2020, p. 137).

No dia seguinte, 21, as ações foram as seguintes:

Terceiro ataque brasileiro a Monte Castello, a partir da linha Mazzancana-Corazza-Gambaiana-Le Roncole às 0530 h. Ao mesmo tempo, os norte-americanos atacam Monte Della Torracchia. Conquista de Monte Castello por ação do 1º RI - Regimento Sampaio, do II/11º RI (Major Ramagem), toda a Artilharia/1ª DIE, duas companhias do 9º BE e do Esquadrão de Reconhecimento. O apoio aéreo foi da FAB através do 1º Grupo de Caça sob o controle do Coronel Nero Moura. Com esta conquista os brasileiros “prosseguiam pelo Norte do rio Marano até atingir a linha Roncovecchio-Seneveglia, o que assinalaria o término da 1ª fase” (idem, apud Moraes, 1947, p. 136).

O ataque vitorioso pode ser descrito da seguinte maneira:

Ação principal: 1º RI, na direção Gaggio Montano-Monte Castello-La Serra com o ataque frontal, pelo centro, a cargo do III Btl (Major Franklin Rodrigues de Moraes) e suas 7ª, 8ª e 9ª Cias de Fuzileiros. Pelo flanco esquerdo o I Btl (Major Uzeda). Este, teve a missão de conquistar Fornace. Suas Cias eram comandadas: a 1ª, pelo Capitão Everaldo José da Silva; a 2ª, pelo Capitão Edson Ramalho; e a 3ª, pelo Capitão Yeddo Jacob Blauth. Reserva do 1º RI: II Btl (Btl Syzeno Ramos Sarmento), com as suas Cias: 4ª, 5ª e 6ª. Ação secundária: II/11º RI. Reserva: II/1º RI. Reserva divisionária: III/11º RI. Às 1430 h o Btl Uzeda conquistava as cotas 930 e 875, ultrapassando as posições inimigas de Congé. Neste mesmo horário, depois de ter ficado detido em sua ZAç, o Btl Franklin conquistou Fornello. Enquanto isso, o Btl Ramagem atuava em Abetaia. Por volta de 1500 h uma Cia Fzo norte-americana abriu fogo por engano contra uma Cia Fzo do I/1º RI matando um soldado brasileiro. Às 1720 h “a defesa inimiga entrou em colapso” (Moraes, 1947, p. 141). A 10ª DMth não consegue tomar Monte della Torracchia. O Btl Uzeda foi o primeiro batalhão a chegar ao cume de Monte Castello às 1800 h através do Pelotão do Tenente Aquino, da 1ª Cia Fzo (I Btl), juntamente com a Cia Waldir do Btl Franklin. “A conquista se efetua pelo desbordamento” (Uzeda, 1952, p. 112). Imediatamente foram realizadas as operações de limpeza e o 1º RI entrou em posição defensiva. Uma parte do efetivo alemão retraiu, outra parte morreu e outra se entregou como PG. Conforme o General Ventura⁹, as primeiras tropas a alcançar o cimo de Monte Castello às 1800 h foram uma Cia Fzo (Capitão Everaldo) do I/1º RI (Btl Uzeda) e outra (Capitão Paulo de Carvalho) do III/1º RI (Btl Franklin). Morreu em combate o 1º Ten Godofredo da Cerqueira Leite, Comandante do Pel de Petrechos da 3ª Cia do I Btl do 1º RI, juntamente com o seu ordenança. Conforme o General Mascarenhas de Moraes, sobre Monte Castello: “Sua captura era uma tarefa de consciência e um imperativo da dignidade militar. Essa cidadela da presumida invencibilidade alemã representava um símbolo e um marco na vida de nossa tropa em terras de ultramar. Constituiu o índice do valor de nossa gente” (Moraes, 1947, 142). 141. O número de baixas brasileiras foi de 103.

⁹ General Domingos Ventura Pinto Júnior, que foi Capitão de Infantaria da 1ª DIE. Criador da Polícia do Exército.

Nos dias 23 e 24 foram efetuadas as conquistas da linha de elevações La Serra-Cota 958 (esta em ataque noturno) e Bella Vista. A 10ª DMth conseguiu conquistar Monte Della Torracchia. Foram repelidos diversos contra-ataques alemães nestas posições. Seguiram-se a linha Roncovecchio-Seneveglio e a preparação de novas missões para as conquistas de Castelnuovo di Vergato e Montese.

Para finalizar este simples resumo, estas foram as ações do dia 22 de fevereiro, imediatamente após a conquista de Monte Castello:

Por volta de 0230 h o baluarte de Abetaia era dominado pelo II/11º RI (Btl Ramagem). Os norte-americanos conseguem conquistar Monte Della Torracchia com a cooperação e o apoio de fogo da 1ª DIE. O inimigo não conseguiu contra-atacar, sendo que duas Cias do RI 1043 alemão simplesmente debandaram em face da “superioridade material” dos NA e brasileiros (Waack, 2015, p. 233). Ao Btl Franklin do 1º RI é expedida a ordem de lançar Postos Avançados (PA) entre as posições conquistadas e as inimigas, ou seja, em La Serra e cota 958. Para isso, o Btl ocupa Monte della Caselina com o Pel do Ten Antonio Candido Tavares Bordeaux Rego, da 7ª Cia Fzo (Carvalho, 1952, p. 113). Nesta jornada, “buscando dar sepultura condigna aos nossos mortos, o Reverendo João Filson Sorén, do 1º RI, iria desvendar o impressionante quadro, macabro e heroico, dos ‘17 de Abetaia’” (Idem). O General Crittenberger elogia por escrito em documento oficial o Cmt e todos os oficiais e praças da 1ª DIE pela conquista do maciço Belvedere-Castello.

Considerações finais

Conforme o General Mascarenhas de Moraes em palestra na ECEME, a FEB teve:

- Uma operação de abertura – Camaione;
- Uma operação de dignidade - Monte Castello;
- Uma operação de sofrimento – Montese;
- Uma operação militar – Castelnuovo di Vergato; e
- Uma operação de coroamento – Fornovo.

Sobre Monte Castello, os ataques iniciais, salvo melhor juízo, caracterizaram-se pela improvisação, falta de experiência e de coordenação entre a tropa brasileira e a norte-americana.

Basta examinar a preparação para o ataque do dia 21 de fevereiro e se perceberá a enorme diferença em relação aos anteriores.

Realmente, depois de quatro tentativas, a tomada de Castello era uma operação de dignidade.

É necessário ressaltar também que os resultados começaram a melhorar quando a totalidade da tropa da 1ª DIE passou ao controle e comando do seu comandante – General João Baptista Mascarenhas de Moraes, o grande herói, juntamente com muitos outros que honraram o nome do Brasil naquelas plagas distantes e geladas da península italiana: Fomos, vimos e vencemos. Belona esteve sempre presente, protegendo os brasileiros das agruras de uma guerra em outro continente.

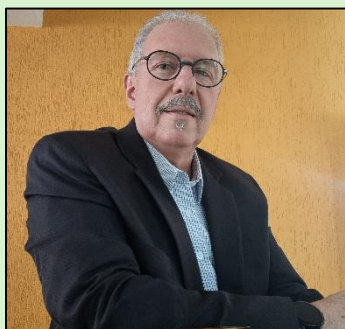
Principais referências

- ALMEIDA, Adhemar Rivermar de, Coronel. Montese. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1985.
- BENTO, Cláudio Moreira. Participação das Forças Armadas do Brasil e da Marinha Mercante na 2ª Guerra Mundial. O Guararapes nº 42, p. 6, Resende, AHIMTB/Resende, 2015.
- BRAYNER, Floriano de Lima, Coronel. A Verdade sobre a FEB. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- CASTELLO BRANCO, Manuel Thomaz. O Brasil na II Grande Guerra. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1960.
- GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. O Dia a Dia da FEB na 2ª Guerra Mundial. Porto Alegre: Renascença, 2022.
- LATFALLA, Giovanni. O General Góes Monteiro e as negociações militares Brasil/Estados Unidos - 1938-1942. Vassouras, RJ: USS, 2011, Dissertação de Mestrado.
- MORAES, João Baptista Mascarenhas de. A FEB pelo seu comandante. São Paulo: Progresso Editorial, 1947.
- PEREIRA, Durval Lourenço. Operação Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.
- PINTO Jr. et MEDEIROS Jr. A Conquista de Monte Castello e La Serra. Porto Alegre: Metrópole, 2003.
- ROSTY, Cláudio Skora. Batismo de Fogo. In: Revista do Exército Brasileiro, BIBLIEx/CEPHiMEx, 2015, p. 38/50.
- UZEDA, Olívio Gondim de. Crônicas de Guerra. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1952.
- WAACK, William. As duas faces da glória. São Paulo: Planeta, 2015.

(*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do Exército Brasileiro.



ASSOCIAÇÃO DOS OFICIAIS R/2 DO RIO GRANDE DO SUL - CPOR/PA



Júlio Cesar Hilzendeger

Presidente da AOR/2-RS

2º Ten R/2 Inf 1975

Administrador, Professor e
Consultor

Você sabe quem são os Oficiais R/2 do Exército Brasileiro?

Os Oficiais R/2 ou de 2ª classe da Reserva não remunerada do EB, são produto de um diagnóstico das FFAA brasileiras no início do século XX, quando da 1ª GM, que identificava a carência de oficiais nas FFAA da época, em caso de conflagrações daquela ordem. Idealizado pelo então Capitão Luis de Araújo Correa Lima, em 1927 foi fundado no Rio de Janeiro, Capital Federal a época, o 1º OFOR – Órgão de Formação de Oficiais da Reserva, cujo objetivo era formar uma reserva mobilizável de Oficiais subalternos, para suprir as carências da formação de oficiais de carreira da então Escola Militar do Realengo.

Logo vieram outros como São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife, que passaram a se denominar Centros de Preparação de Oficiais da Reserva, mais conhecidos como CPOR.

Logo esta iniciativa mostrou seu valor quando da mobilização da FEB em 1942 para a 2ª GM. Dos 1070 Tenentes do efetivo de oficiais da FEB, 433 eram oficiais R/2. Destes, 13 somente retornaram para casa para seu derradeiro descanso no Monumento Nacional aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, no Rio de Janeiro no Aterro do Flamengo.

Dentre os Oficiais Brasileiros mais condecorados está o 1º Ten R/2 Apollo Rezk, dentre elas a Medalha Silver Star e Medalha “Distinguished Service Cross” (Cruz por Serviços Notáveis) pelo 5º Exército Americano.

Depois vieram o Batalhão Suez, as missões de Paz do Haiti, do Timor Leste e tantas outras e lá sempre estão os Oficiais R/2 ou Temporários, sua denominação atual. Quem são estes incógnitos?

É muito provável que alguns estão muito próximos de você no seu dia a dia. No CPOR/PA já passaram mais de 17.000 aproximadamente. A maioria cumpriu seu tempo e foi continuar sua missão na vida civil como empresários, médicos, advogados, engenheiros, juízes, desembargadores, dentistas, fisioterapeutas, administradores, etc. Muitos são destaques regionais e nacionais. Mas todos se destacam e se identificam por sua conduta proba e a difusão e preservação dos valores pátrios.

Por que então o Decreto 12375 de 06/02/2025, numa canetada, retira/apaga destes brasileiros páginas de sua história de vida? Sim, apaga, pois retirar-lhes a Carta Patente após seu período de serviço ativo é apagar da vida destes Oficiais R/2 ou Temporários, das frações, das subunidades, das unidades, das OM's onde serviram, páginas de suas histórias.

O que fizeram para merecer tal tratamento? Muito provavelmente seu proceder íntegro, sua postura ereta, seu combate incansável à desconstrução dos valores pátrios, a desvalorização da ética e da moral, a conduta tibia e submissa. Somente isto poderia justificar apagar/borrar suas ínfimas participações na história.

Diz-se que: “o estudo da história (o passado) nos permite entender o presente e não repetir os erros no futuro”. No entanto, no Brasil se insiste em desprezar este dito, propondo-se a rescrita da história por conta de uma única versão. É o que este malfadado decreto 12.375 de 06/02/2025 tenta fazer com os Oficiais R/2 ou Temporários do EB.

Com certeza dentre o trigo há joio, mas não se pode generalizar. Não se pode apagar da história destes Oficiais 3, 5, 8, 10, 12 anos de suas vidas. Urge retificar este decreto. Tudo que fizeram estes homens foi cumprir o juramento que fizeram:

“Ao ser declarado Aspirante a Oficial da Reserva — assumo o compromisso de cumprir — na paz e na guerra — os deveres que me competem — para segurança e grandeza do Brasil, cuja honra, integridade e instituições, defenderei com o sacrifício da própria vida”.

Nós Oficiais R/2 ou Temporários não iremos arrefecer no combate. Não permitiremos que nossa história seja apagada, como homens, como Brasileiros, como Oficiais de 2ª Classe da Reserva não remunerada do Exército Brasileiro.

PESQUISA SOBRE O COMBATENTE DA FEB – CONCLUSÕES

Postado e comentado pelo Gen Bda Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva

A seguir são destacadas algumas conclusões de um trabalho de pesquisa realizado, em 1962, pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército sobre “O Comportamento do Combatente Brasileiro na Itália”, com algumas considerações adicionais feitas por mim.

O efetivo da FEB era composto com 32% de cariocas e fluminenses, 16% de paulistas, 12% de mineiros, 8% de gaúchos, 6% de paranaenses e 26% dos demais estados.

Embora as unidades do Exército mais completas e preparadas ficassem no eixo São Paulo (SP) - Rio de Janeiro (RJ) - Minas Gerais (MG), além do Rio Grande do Sul (RS), a decisão do governo foi que a FEB seria constituída com brasileiros de todo o País para se tornar um feito nacional e não apenas regional.

Sábia decisão, mas trouxe pesadas servidões, pois os níveis de educação, hábitos de higiene e higidez variavam muito entre distintas e longínquas regiões. As únicas estradas asfaltadas no Brasil eram no eixo Rio, Minas e São Paulo.

Foram inspecionados 110 mil cidadãos para selecionar 25 mil que atendiam aos rígidos padrões exigidos para combater na Europa. Foi um difícil problema transportar para reunir, alojar e satisfazer a todas as necessidades logísticas dos incorporados no RJ, MG e SP. Feitas essas considerações, que têm relação com o comportamento humano num universo tão heterogêneo, passamos às conclusões da pesquisa.

- O combatente brasileiro não se adaptou bem e até reagia a normas disciplinares rígidas, confirmando pesquisas anteriores sobre disciplina em nossa História Militar.

- Submete-se afetivamente à liderança dos chefes que comandam pelo exemplo e não aos que sejam espiritualmente ausentes e insensíveis às esperanças, aspirações, imaginação e aos sentimentos dos comandados.

Existe um dito castrense sobre o limite do esforço dos soldados. Diz a lenda que:

“o soldado dos EUA vai até onde manda a Constituição; o inglês até onde manda a tradição; o alemão a disciplina e o brasileiro o coração”.

Por outro lado, sabe-se que, além do senso do dever, um fator de grande motivação é o companheirismo, porque o soldado sabe que, no combate, a vida de cada um muito depende dos seus camaradas.

Voltando à pesquisa: como fatores concorrentes para o bom desempenho do combatente brasileiro na Itália e que contribuíram para ele se sentir valorizado socialmente alinharam-se:

- lutar no V Exército de Campanha dos EUA, que dispensava grande atenção e valor à vida e ao bem-estar dos seus soldados e onde o prêmio e o castigo eram distribuídos com isenção e sem favores, além do que com presteza e oportunidade [o apoio logístico norte-americano foi considerado excelente];

- lutar em território com uma população histórica e tradicional, mas então vencida, dominada, submissa, torturada pela fome, desemprego e corrupção e com emotividade semelhante à brasileira [muitos combatentes tinham descendência italiana];

- sentir-se alvo de orgulho no Brasil, de estímulos da mídia, de atenções das “madrinhas” de guerra [mulheres enviavam voluntariamente, mesmo sem parentesco, presentes aos Pracinhas], de desvelo de familiares e de brasileiros e de atenções dos superiores;
- ser alvo de interesse geral, boa assistência médica, alimentação jamais sonhada, dinheiro farto, roupa variada e farta e assistência religiosa;
- lutar e ser bem sucedido contra o soldado considerado como o melhor do mundo;

e

- desenvolver fortes laços de camaradagem, na adversidade da guerra, com reflexos no moral elevado, disciplina consciente e sentimento de honra e dever.

Acrescento os depoimentos de dois falecidos veteranos da FEB.

- O General Meira Mattos, Capitão na FEB, dizia que os dois atributos mais importantes para a liderança de comandantes de Grupos de Combate (10 homens), Pelotões (40 homens) e Companhias (170 homens) eram a competência profissional e o equilíbrio emocional, esse último despertava a confiança do subordinado de que não seria lançado numa aventura com risco maior do que o necessário para vencer o desafio e sobreviver.

- O General Paulo Campos Paiva, Tenente na FEB, dizia que as Companhias comandadas por bons Capitães tiveram muito bom desempenho na Itália. Eles conseguiam manter o controle e a confiança dos subordinados, seja nas vitórias, seja nos reveses. Considerava que os alicerces de um Batalhão são os Capitães Comandantes de Companhias.

Voltando à Pesquisa: em resumo. Sentimento de autodefesa, expressiva rusticidade biopsíquica, limitada confiança [Ou seria limitada autoconfiança? O soldado brasileiro tem certa dependência de seu chefe, às vezes com prejuízo da iniciativa], nítida tendência de subordinação por afetividade [o que pode induzir ao indesejável “bom mocismo”], temor reverencial ao desconhecido [misticismo], agradável surpresa pela forma como foi assistido e administrado.

A FEB foi a afirmação da honra e dignidade do Exército e do soldado brasileiro.

A eles a respeitosa continência militar e a responsabilidade de sermos dignos desse passado de glórias e de manter a eterna lealdade total e prioritária à Nação.

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano,
Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com);**

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br;

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br;

**Site do Núcleo Militar de Gramado/Rainha do Mar:
www.nuclev.com;**

**Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE - Delegacia
Heróis de Guararapes: <http://historiapatriota.blogspot.com>**